

À ISONOMIA E A DIFERENÇA: A RECEPÇÃO DO PAPEL DAS MULHERES NO ENFRENTAMENTO DAS ONDAS DA *POLITÉIA V*

ISONOMY AND DIFFERENCE: THE RECEPTION OF THE ROLE OF WOMEN IN FACING THE WAVES IN *POLITEÍA V*

MAGDA GUADALUPE DOS SANTOS*

Resumo: O texto discorre sobre as duas primeiras *ondas* da *Politéia* platônica, discutidas por meio de planos de leitura do papel das mulheres na construção da cidade justa. Na simbologia demonstrativa da obra encontra-se o *télos* maior do ideal de uma cidade governada pelo filósofo. No entanto, as duas primeiras *ondas* ressoam como verdadeiro ponto de incitação, a ser analisado de várias perspectivas argumentativas. O grande desafio que o texto da *Politéia* apresenta é de ser lido nos moldes de certa estética da recepção, tomando a obra como verdadeiro potencial de efeitos, na qual princípios de isonomia, identidade e diferença se validam de forma paradoxal.

Palavras-chave: Diferença, mulheres, isonomia, gênero.

Abstract: The text is concerned with the first two waves of the Platonic *Politéia*, discussed through conceptual readings of the role of women in the construction of a fair city. In the demonstrative symbology of the text, one finds the *télos* of the ideal of a city governed by the philosopher. However, the first two waves portray themselves as a catalyst, to be analysed from different controversial perspectives. The greatest challenge one faces in Platonic texts is to read the *Politéia* from the view of *reception theory*, considering the work to be a true potential of effects, in which the principles of isonomy, identity and difference validate one another in a paradoxical manner.

Keywords: difference, women, isonomy, gender.

O papel das mulheres na construção da *politéia* platônica tem ensejado várias possibilidades de leitura, configurando um importante aspecto na recepção contemporânea da *República*. Explicita-se na obra que o governo da cidade deva ser finalmente confiado aos filósofos, o que consiste num longo e difícil processo de definição de sua natureza intelectual, centrada no conhe-

* Magda Guadalupe dos Santos é Mestre em Filosofia e Doutora em Direito pela UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. E-mail: magda.guadalupe@yahoo.com.br

cimento da verdade (480a; 485c), que suporta a Justiça como o grande Bem enquanto referência absoluta para a *práxis* ético-política (484b-c; 505d-e).

Nesse desenho, algumas condições conflituosas parecem acompanhar a dialética, o que, segundo Charles Kahn ¹, encontra justamente nos livros centrais da *Politéia* a sua plena descrição. Tal artifício, que açula e impulsiona a manifestação do leitor, é tanto de forma, quanto de conteúdo. Apresenta-se de forma explícita nas ondas a serem vencidas, e no modo instigante de uma linguagem que as exprime numa epistemologia complexa, culminando na grande ousadia do rei filósofo.

Esses artifícios podem também ser lidos como certo efeito transitório destinado a prover a abertura das situações dialógicas que se demonstram ao longo da obra. Não se desenvolve aqui qualquer hipótese de que as questões presentes na *República*, em especial no livro V, façam parte de uma preocupação maior, sequer trabalhadas em moldes de um macrotexto ² em plano sistemático. Antes, o que se acredita ser relevante e se tenta ora demonstrar é que alguns tópicos e passagens do livro V, em especial as questões asentes principalmente nas duas primeiras ondas, se revelam plenas de uma simbologia indicativa de movimento (450b-c)³. Pensa-se ser tal simbologia demonstrativa da impossibilidade de pontuações ou conclusões definitivas do processo dialético de hipóteses ali formuladas. Tais questões nos remetem a tantas outras, cujo horizonte comum se especifica no *télos* maior que é sempre o ideal de uma cidade justa governada pelo filósofo. Assim, a apresentação das duas primeiras *ondas* ressoa como um ponto de incitação que pode ser lido em sua função proemial – como outros pontos da obra, segundo o entendimento de Mario Vegetti ⁴ –, demonstrando, contudo, ser dotada de uma complexidade teórica e argumentativa, com pontuações paradoxais. De fato, o grande desafio com que se depara no texto platônico é ler a *Politéia* nos moldes da estética da recepção. Tal como Wolfgang Iser que acredita ser o texto um verdadeiro “potencial de efeitos” (*ein Wirkunspotential*), que

¹ KAHN, Charles. *Plato and the Socratic dialogue*. The philosophical use of a literary form. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, p. 294.

² VEGETTI, Mario. *Guida alla lettura della Repubblica di Platone*. Roma. Laterza. 4.ed.2007, p. 32.

³ PLATÃO. A *República*. 450b-c. Tradução C. Alberto Nunes. “O que importa é não te enfadares de responder com verdade às nossas perguntas sobre o que pensas a respeito da comunidade das mulheres e dos filhos, atribuída aos guardas, e como estes serão tratados no período que vai do nascimento ao início da educação propriamente dita (τῆς ἐν τῷ μεταξὺ χρόνῳ γιγνομένης γενέσεώς τε καὶ παιδείας). Parece-me a fase mais trabalhosa”.

⁴ VEGETTI, Mario. *Guida alla lettura della Repubblica di Platone*, p. 35.

somente é “possível atualizar no processo de leitura”⁵, a compreensão da *Politéia* se dá como um caminho de condução e de “possibilidade de compreensão do leitor desse mesmo caminho”⁶. Em geral, os comentaristas, mesmo que de óticas diferenciadas, ressaltam o caráter de provocação do livro V⁷. Essa característica será trazida para a discussão temática.

Nesse sentido, Arlene Saxonhouse⁸, na sua crítica instigante do texto platônico, nos auxilia a argumentar que as releituras dos cânones da tradição permitem certa recepção do processo de reavaliação dos valores culturais e, inclusive, hermenêuticos. Suas análises demonstram a complexidade da leitura da *Politéia*, entendendo que a justiça, em seus intentos ali delineados, ressoa como “um belo nome”, pois se torna uma “máscara que esconde as injustiças que são uma parte necessária da política, até mesmo na melhor cidade de Sócrates”⁹.

Ao se levar tais interpretações em consideração, as *ondas* apresentadas no livro V surgem, com seu efeito provocativo, afastando qualquer pretensão de neutralidade frente às questões e às próprias respostas, então dadas. Tal efeito suscita a recepção em níveis de reflexão que tecem sempre novas reflexões historicamente formuladas¹⁰. O próprio questionamento acerca da especificidade das funções e da natureza dos guardiões nos leva a indagar sobre a consistência de alguma paridade. Estaria sendo proposta certa isonomia entre os gêneros? E de que forma e em que contexto a especificidade paritária das funções e da natureza dessa classe se posiciona frente ao *télos* maior da cidade justa, que tem como governante o filósofo com suas qualidades específicas?

Monique Canto faz ao texto considerações de relevo. Para ela, a comunidade é o espaço, no qual mulheres e homens circulam, se encontram e se unem uns com os outros, podendo ver e ser vistos uns pelos outros. Nessa cidade, as mulheres, cuja vida política elas tornam possível, se revelam abertamente e sem reserva: “seus corpos são corpos políticos e de forma corpórea

⁵ ISER, Wolfgang. *Der Akt des Lesens*. Theorie ästhetischer Wirkung. München: Fink, 1976, p. 7.

⁶ ANNAS, Julia. *An Introduction to Plato's Republic*. New York: Oxford University Press, 1981, p. 2.

⁷ ANNAS, Julia. *An Introduction to Plato's Republic*, p.2 e VEGETTI, Mario. *Guida alla lettura della Repubblica di Platone*, p. 66-67.

⁸ SAXONHOUSE, Arlene W. Comedy in Callipolis: Animal Imagery in the Republic. *The American Political Science Review*, v. 72, no.3, New Hampshire, 1978, p. 889.

⁹ SAXONHOUSE, Arlene W. Comedy in Callipolis: Animal Imagery in the Republic, p. 889.

¹⁰ ANNAS, Julia. *An Introduction to Plato's Republic*, p. 2.

estão igualmente no centro da cidade”¹¹. Nesse sentido, Canto defende a procriação – função própria das mulheres – como o primeiro “ato político” que se revela enquanto tal na condição de legitimação da identidade da função cívica de mulheres e homens.

A complexidade de leitura de texto tão polêmico é façanha delicada, na qual várias ordens normativas se apresentam no processo de recepção.

PLANOS DE LEITURA

Para tentar analisar e problematizar tais questões, que se inserem ao lado de tantas outras presentes na obra, mostra-se de relevo discutir os planos de leitura em que o presente texto pode ser apreciado e que, pela sua complexidade, “clama por vários níveis de interpretação”¹². Torna-se, pois, interessante buscar em determinadas passagens o ponto central dessas possibilidades interpretativas. Não se pretende com isso desconfigurar o texto platônico, apontando aleatoriamente pontos que pareçam ambíguos. Embora se reconheça a pertinência de valor estrutural da obra, é para uma pontuação tópica da proposta paritária entre os gêneros, no exercício de suas funções, que esta análise se volta.

Assim, determinadas preocupações epistemológicas e que se propõem para a produção de um conhecimento específico nos levam a buscar os liames filosóficos entre algumas figuras clássicas do pensamento antigo, sendo estas realçadas no decorrer da *Politéia* e recorrentes na história do ocidente. Ousa-se pensar que a relação entre *krátos*, *pólis* e *nómos* possa ser aqui trabalhada sobre a base comum de uma hermenêutica feminista que direciona o roteiro das tendências interpretativas que se passam a distinguir e a nomear.

Sem dúvida, trata-se de demonstrar, por um lado, que é de certa perspectiva hermenêutica que se está a ler a *Politéia* e, de outra, que tal ótica de leitura é apenas uma dentre as demais possíveis. Mas essa possibilidade é também aquela que ora se expressa como capaz de ressaltar o valor da obra, assim como colocar em evidência suas ambivalências e o risco constante de ser tomada pela violência camuflada ou explícita de um modelo patriarcal de um Estado soberano e representativo de seu fundamento absoluto.

Contudo, quanto mais se lê a *Politéia*, mais se pode reconhecer que o sentido de justiça parece sempre em construção, seu valor se demonstrando

¹¹ CANTO, Monique. The Politics of Women’s Bodies: Reflection on Plato. Monique Canto and Arthur Goldhammer : *Poetics Today*, v. 6, no. 1/2, Durham: Duke University Press, 1985, p. 54.

¹² KAHN, Charles H. *Plato and the Socratic dialogue*, p. xiii.

na variação crítica e, portanto, autoconformadora de um novo ideal de cultura. Em especial, nas duas primeiras ondas do livro V, pode-se verificar que o papel das mulheres proposto por Platão não se assenta em uma configuração simples de ser apreendida e assimilada em seu espectro de significados. De fato, alguns passos merecem ser lidos de uma perspectiva crítica – que enseja um discernimento ou uma apreciação de seu assentamento tópico na estrutura da obra- como uma pontuação, oferecida por Platão, que se pode moldar em três modelos epistemológicos que serão adiante apontados.

De fato, as passagens entre 449d a 456b indicam a relevância da participação das mulheres na cidade justa; de 457d a 459a-b, a complexidade da leitura torna-se mais aguda, podendo-se entretanto observar um gradual enfraquecimento da simetria entre os gêneros, que culmina em 460b. Isso leva a questionar a possibilidade de mensuração e de determinação da paridade entre os gêneros e a indagar em que sentido ela interfere na possibilidade da justiça na alma e na *pólis*. Ora, o passo 460b destoa dos demais e a antinomia surge como algo que parece num primeiro momento, ferir a dialética. Ferir porque, de certa perspectiva, parece cindi-la no movimento contínuo de suas hipóteses e formulações, contradizendo os princípios sobre os quais leituras possíveis e historicamente formuladas louvam ou criticam o ideal platônico de nos incitar as ondas como dificuldades a serem vencidas, conforme 457c.

Já num segundo momento de leitura, o passo 460b pode também ser focado como o cerne das provocações platônicas. Novos princípios e valores podem ser continuamente revistos e repensados a partir de então, intensificando-se, em outras perspectivas, a própria dialética que dá vida à obra. Nesse segundo momento, até mesmo as feições supostamente antinômicas poderiam ser assimiladas enquanto algo que aguça o nosso senso de indagação e argumentação.

O que deve ser sempre ressaltado é que, toda leitura de nossas próprias posições e argumentações de novas perspectivas não se confundem com a pretensão de partir epistemologicamente de um não-lugar, de “parte alguma” na produção de conhecimento¹³. Antes, o que se deve sempre reafirmar é a viabilidade das variáveis exegéticas que podem ser propostas.

¹³ BACH, Ana Maria. El rescate del conocimiento. *Temas de Mujeres*. Revista del CEHIM, v.6, no.6, 2010, p. 6-31, p. 8.

Dentre os planos de leitura que merecem ser ressaltados, se destaca como primeiro o de ordem conceitual, correspondente à leitura do passo 460b da *Politéia*¹⁴ em sua materialidade e amplitude de expressão:

E àqueles dentre os jovens (*tôn néon*) que foram valentes (*agathoís*) no combate ou em qualquer outro lugar deve dar-se-lhes (*dotéon*), entre outras honorarias e prêmios (*géra kai áthla*), uma liberdade mais ampla (*aphthonestéra be exousía*) de se unirem às mulheres (*tês tôn gynaikôn xynkoiméseos*), a fim de que haja pretexto para se gerar o maior número possível de filhos (*bos pleíston tôn paídon*) de homens dessa qualidade (*ek tôn toiúton*)¹⁵.

Evidencia-se ser a finalidade maior explicitada, a geração “de filhos de homens” de melhor qualidade, ou seja, os jovens *agathoí* e as “honorarias e prêmios” consistindo nessa “liberdade mais ampla de se unirem às mulheres”. Mas há de se considerar algo que parece não fundamental no texto platônico, e que chama uma incômoda atenção: as mulheres enquanto “prêmios” e “honorarias” – e o principal deles. Estaria essa expressão conformada a um plano dialético ou interpretativo? Quais suas possibilidades de recepção no contexto ético-político do livro V? Tais questões merecem ser consideradas nos diversos planos de leitura.

PLANO INTERPRETATIVO E SEUS DESDOBRAMENTOS

A possibilidade de se proceder a um segundo plano, nos leva a ousar o exercício da técnica de leitura do texto platônico em moldes de interpretação. Sem dúvida, uma presumida objetividade diante de um texto datado de vinte e cinco séculos de distância não pode ter a pretensão de ser exaustiva e muito menos neutra. Gadamer dá ênfase à leitura do texto filosófico sempre como um ato de interpretação que impulsiona o leitor para dentro do chamado “círculo hermenêutico” no qual o intérprete, cada uma e um de nós, se vê também interpretado pelos pressupostos culturais e pelas exigências teóricas de seu ser em situação historicamente especificada.

¹⁴ και τοῖς ἀγαθοῖς γέ που τῶν νέων ἐν πολέμῳ ἢ ἀλλοθὶ που γέρα δοτέον καὶ ἄθλα ἄλλα τε καὶ ἀφθονεστέρα ἢ ἐξουσία τῆς τῶν γυναικῶν συγκοιμήσεως, ἵνα καὶ ἅμα μετὰ προφάσεως ὡς πλεῖστοι τῶν παιδῶν ἐκ τῶν τοιούτων σπεύρωται.

¹⁵ PLATÃO. *República*. 460b. Tradução de M. H. da Rocha Pereira.

Se com as ondas a serem vencidas Platão está buscando justamente contrapor-se a aspectos de relevo da tradição, em especial as bases da estrutura familiar e a relação axiológica entre os gêneros, suas reflexões esbarram na afirmativa da passagem 460b. De certo ângulo, indaga-se: está-se diante de uma aporia que macula suas propostas de inovação? Essa passagem não poderia ser a confirmação de evidentes contraposições que devem ser apresentadas como tais, as quais o filósofo visa reforçar em sua tensão normativa?

Pelo menos três linhas de indagação ou variantes exegéticas mostram-se então possíveis.

PARIDADE E ASSIMETRIA

De acordo com a primeira, pode-se entender que a paridade de funções parece ser ponto de partida e pressuposto firmado sobre bases dialéticas para a constituição da cidade justa, mas não alcança equivalência em seu ponto de chegada. Nesse movimento, a figura das mulheres guardiãs se insere de forma inovadora e ousada em um novo assentamento político, no qual “igualdade” e “diferença”, enquanto conceitos dialéticos de relevo interagem entre si, modificando o *éthos* da cidade tradicional, plena de injustiças. A coerência interna dessa variante é vital para a articulação da recepção e interpretação, e fixa o alcance da norma de paridade entre os gêneros.

Mesmo que sua importância seja compreendida como orgânica e se revele em função do processo de educação, se algo fere tal coerência interna, desestruturam-se as bases de leitura, prejudicando-se as operações elementares que produzem o sentido do texto. Ora, se as injustiças, enquanto *pleonexía* – expressão de um desejo desenfreado ou excessivo – equivalem à desproporção, e a justiça toma como pressuposto a paridade entre os gêneros, esta se daria como fator de regulação da comunidade e da disposição de vida, introduzindo-se como alicerce da nobre educação dos guardiões. Nesse sentido, o ponto de partida da primeira onda realça a relevância da comunidade para a cidade, em 440d, e do tratamento a ela deferido em 450b-c, levando-se sempre em consideração a conotação de verdade auferida das respostas sobre o assunto, o que pode sugerir não se tratar de simples jogo fantasioso de discurso, mas de argumentos sérios e verdadeiros, pois, possíveis, que norteariam o sentido da cidade justa.

Convém, no entanto, examinar brevemente o *éthos* convencional em que se inseria o feminino na cultura antiga, para mensurar a extensão dos desafios platônicos. De modo geral, da perspectiva do corpo masculino, o corpo feminino e dominado vê-se descrito como modo de demonstração da

estranheza dos homens face às mulheres. Aline Rousselle observa que, na Antiguidade, a grande questão para os homens reside no papel da mulher na reprodução de filhos, estando eles, de sua parte, sempre seguros de sua própria faculdade reprodutora. Acrescente-se que, no tratamento das mulheres, os gregos sabiam que “a concepção e a gravidez aparecem como o remédio para todas as doenças das mulheres” e uma mulher grávida é sempre uma “mulher com boa saúde, em estado de bom funcionamento”¹⁶. Desejos e demandas são culturalmente compostos, sendo educação e costumes adequados, nas famílias, a tal concepção. As mulheres, supostamente, sempre desejam que um *kýrios* possa casá-las, para que os sintomas de alucinação, de histeria, de afecções generalizadas possam cessar¹⁷. Esses sintomas, certamente como signos de fraqueza e debilidade provocados pelas fases de abstinência ou de continência não almejadas, são descritos nos corpus hippocraticum e também no corpus aristotelicum, entre outros, de forma exemplar. Aliás, conforme Aristóteles, mencionado por Rousselle, “as mulheres muitas vezes concebem mesmo sem ter prazer” (*Geração dos animais*, 727b), o que quer dizer que esse prazer feminino não é muito frequente¹⁸.

Em face desse tratamento deferido às mulheres, as ondas platônicas parecem coerentes e ajustadas a uma proposta de reeducar o seu tempo, da perspectiva de um controle eficiente sobre a cidade e sobre as vias normativas da reprodução. Para tanto, sua intenção fundamental pode ser lida como a redução dos princípios da vida política ao paradigma de uma ciência rigorosa, enquanto ciência do bem e do justo, da qual se objetivasse deduzir os princípios da reta *politéia*. Nesse novo *éthos*, quando se afirma que “estas duas artes terão de ser ensinadas também às mulheres [a música e a ginástica], bem como a arte da guerra, que elas precisarão praticar do mesmo modo que os homens” (*χρηστέον κατὰ ταῦτά* – 452a), a paridade entre os gêneros se revela fruto de um ensinamento ético-político.

Nesse sentido, conforme James Nendza¹⁹, no livro IV, a comparação da cidade com o indivíduo se torna a comparação da cidade com a alma (423d – 425e). No livro V, contudo, a comparação inicial da natureza dos guardiões com a natureza dos cães de guarda ressalta tanto a proposital ambiguidade em identificar homens e animais, quanto em aguçar o senso crítico

¹⁶ ROUSSELLE, Aline. *Pornéia*. Sexualidade e amor no Mundo Antigo. Tradução C. Nelson Coutinho. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 41.

¹⁷ ROUSSELLE, Aline. *Pornéia*, p. 84-85.

¹⁸ ROUSSELLE, Aline. *Pornéia*, p. 43.

¹⁹ NENDZA, James. Nature and Convention in Book V of the “Republic” *Canadian Journal of Political Science / Revue canadienne de science politique*, v. 21, no. 2, Jun., 1988, p. 334.

e interpretativo da relação entre natureza e educação. No entendimento de Nendza²⁰, os guardiões são o produto da técnica de educação, assim como o sucesso de sua educação depende em parte da sustentação de que também a natureza seria um produto da educação. Mas justamente aqui, levando-se em consideração a interpretação do comentador Nendza, a questão corpórea parece ser de relevo e as diferenças precisariam ser apontadas, como se lê em 454b²¹, e então reavaliadas: se virmos que “a diferença consiste apenas em gerar filhos o homem e em dá-los à luz a mulher, não poderemos, de forma alguma, admitir como demonstrado que a mulher difere do homem (διαφέρει γυνή ἀνδρός) na questão com que nos ocupamos”, conforme 454d-e.

Dessa primeira perspectiva, diferença e igualdade se demonstram como correlativos dialéticos. O texto platônico nos parece apontar as diferenças entre os gêneros para poder estabelecer os critérios de paridade pelo exercício de funções que servem igualmente à cidade. Nessa situação, o poder inovador das leis, na relação entre *krátos*, *pólis* e *nómos*, se redefine de forma equilibrada e o intento inovador de Platão parece poder ser realmente contemplado como uma dificuldade a ser vencida. Vencer o estranhamento face ao corpo feminino pressupõe contemplá-lo nos moldes da relação dialética da diferença na igualdade. A passagem de 452a-c explicita tal estranhamento e de forma enfática repercutindo nas leituras posteriores.

No entanto, no passo 460b a aporia parece evidente. Não pela simples constatação de que haja assimetria entre mulheres e homens, mas pelo fato de que, para se vencer a dificuldade das duas primeiras ondas, enquanto inovações culturais, velhos parâmetros normativos são chamados à apreciação. Assim, a reificação do feminino parece uma exclamação inconsciente que o filósofo deixa escapar, reafirmando que o poder da cidade sempre estará sob o controle normativo de um núcleo modelar indubitavelmente masculino. Nessa determinação, Platão não esconde seu orgulho grego, antes o ressalta como forma de delimitar, evidenciar e dar certeza a tudo o que foi dito anteriormente. Tal como uma exclamação enfática que viria clarear o caminho seguido até então, no passo em questão reluzem-se as condições do poder normativo da cidade e a proposta de inovação parece prejudicada

²⁰ NENDZA, James. Nature and Convention in Book V of the “Republic”, p. 336.

²¹ PLATÃO. A *República*. 454b. Tradução C. Alberto Nunes. 3.ed. Belém: Editora da Universidade Federal do Pará, 2000. “Naturezas diferentes não devem ocupar-se com as mesmas coisas, foi o que afirmamos com decisão e espírito de polêmica, depois do que começamos a discutir, porém com base apenas numa palavra, sem nos determos, um momento sequer, em considerar o sentido de igualdade e diferença de naturezas e na razão de as distinguirmos (ἐπισκεψάμεθα δὲ οὐδ’ ὅπιον ἂν εἶδος τὸ τῆς ἑτέρας τε καὶ τῆς αὐτῆς φύσεως καὶ πρὸς τί τείνον ὀρίζόμεθα τότε).

enquanto tal. Se em Platão não se evidencia a certeza dos antigos, “seguros de sua própria faculdade reprodutora”²², certamente se evidencia a certeza de deverem ser os *melhores* guerreiros merecedores de recompensas, entre outras, as mulheres.

Há comentadores que tentam justificar o passo 460b da *Politéia*, considerando-o seja inserido numa estrutura orgânica cuja finalidade maior – a Justiça – equilibra e legitima os vários pontos discordantes e provocativos, seja como algo escusável frente ao perfil de inovação e solidez em que a obra se assenta.

Como exemplo do segundo caso, tem-se a posição de Gregory Vlastos, ao contestar os questionamentos feministas, entre outros os de Sarah Pomeroy, que acredita que 450c demonstra uma falta de simetria entre mulheres e homens, já que a *koinomia* se refere ao “conjunto de mulheres e de filhos pertencentes aos guardiões”. O argumento de Vlastos se assenta no fato de que essa assimetria, que ele contesta, já se apresenta nas descrições de curiosidades antropológicas por Heródoto e na comédia de Aristófanes. Dessa feita, observa, “porque motivo deveríamos nos surpreender com o fato de que Platão teria usado uma linguagem similar?”²³.

Como exemplo da primeira posição tem-se a interpretação de Julia Annas²⁴, que se refere ao lugar da mulher na cidade platônica como sendo o de produção do bem comum, de acordo com suas aptidões. A intenção platônica seria apenas propor argumentos aptos a demonstrar que “a natureza feminina não demanda ocupações distintas para mulheres e homens”²⁵, não havendo evidências de uma preocupação com direitos (*Rights*) específicos da mulher que a elevasse a um patamar igualitário de dignidade, pelo fato de a Antiguidade não dispor de bases axiológicas e jurídicas, tais como a Modernidade, que fundamentassem qualquer pretensão de tratamento aos Direitos Humanos²⁶. Num texto posterior, Annas volta a discutir os argumentos acerca da paridade e da diferença de aptidões entre os gêneros, tomando como preocupação a “preservação da cidade” apontada em 455a e justificando a inserção das mulheres na cidade, desvinculada, contudo, de referência à satisfação de seus desejos e demandas: as mulheres se inserem

²² ROUSSELLE, Aline. *Porneia*, p. 41.

²³ VLASTOS, Gregory. Was Plato a feminist? In: GRAHAM, Daniel W. (Edited). *Studies in Greek Philosophy: Socrates, Plato and their Tradition*, v.2. Princeton: Princeton University Press, 1995. p.136.

²⁴ ANNAS, Julia. *An Introduction to Plato's Republic*, p. 181.

²⁵ ANNAS, Julia. *An Introduction to Plato's Republic*, p. 182.

²⁶ ANNAS, Julia. *An Introduction to Plato's Republic*, p. 183.

na cidade apenas enquanto e na medida em que auxiliam a realização do Estado, em seu propósito de “manter os melhores cidadãos”, que não poderiam se apresentar se a “metade deles permanecesse em casa em suas tarefas triviais, desperdiçando seus talentos”²⁷.

Aliás, Annas, buscando comparações que ilustrem sua tônica organicista, não considera as proposições de Platão relevantes para o discurso feminista da atualidade²⁸, já que seus argumentos referentes à possibilidade de as mulheres serem guardiãs, não sendo propriamente anti-feministas, são inoperantes face aos desejos femininos e “irrelevantes para as injustiças da desigualdade sexual”²⁹. Seu intento parece ser somente o de demonstrar o valor da cidade enquanto um poder normativo coerente com seus desígnios e apenas isso, como se as ondas fossem autoexplicitativas do impulso que lhes deu vida e forma enquanto uma idealidade sem consequência ético-política para a história, Annas parece acreditar que o sentido da obra se define em função de si mesma. Nessa interpretação, o veio provocativo, que ela tanto realça, fica reduzido a um simples veio autoexplicativo e autonormativo, girando em torno de si mesmo para edificar toda a sua presumida translucidez.

Assim, essa primeira linha interpretativa, cujo propósito seria o de firmar os pontos de partida e de realização do valor e do exercício paritário de funções, choca-se e se vê confrontada com a assimetria verificada no passo 460b. Essa linha de raciocínio defronta-se talvez com uma aporia, que, contudo, sempre se apaziguará quando se pretende ler a *Politéia* como uma simples obra orgânica capaz de reluzir em si mesma suas potencialidades interpretativas, fechando-se a um diálogo com a história.

PARIDADE, UNICIDADE E DIALÉTICA

Numa segunda variante de leitura, a paridade é apenas ponto de partida e, refletidamente, não de chegada e o passo 460b constituindo o emblema decisivo e determinante do paradigma normativo da cidade. Os homens guardiões servem à *pólis* e as mulheres guardiãs servem aos homens guardiões e à *pólis*. Essa determinação acompanha e demarca o intento final da

²⁷ ANNAS, Julia. Plato's Republic and Feminism. In: WARD, Julie K. (Edited). *Feminism and Ancient Philosophy*. New York: Routledge, 1996, p. 7.

²⁸ Igualmente Vlastos, logo após determinar o que entende por “feminismo”, assevera que o foco de seu “interesse é mesmo Platão e não o feminismo”, o que se revela um tanto paradoxal, já que o próprio título de seu trabalho aponta para uma exigível correlação temática. VLASTOS, Gregory. Was Plato a feminist? p. 133.

²⁹ ANNAS, Julia. Plato's Republic and Feminism, p. 12.

Politéia, no sentido de que identidade e diferença são conceitos dialéticos de relevo e realçam o valor da unicidade no contraste com a pluralidade. O paradigma masculino jamais deixou de ser desconsiderado enquanto essencial e referencial, e o espectro feminino compõe, em suas qualidades próprias, o teor meramente auxiliar de que ele necessita, em uma única e específica questão: a geração de filhos.

Para sustentar tal leitura, os argumentos de Arlene Saxonhouse e de Aline Rousselle nos servem aqui de apoio. Saxonhouse chega mesmo a duvidar da seriedade da proposta de Platão de retirar a mulher da dimensão privada e inseri-la na condição de guardiã. Ela enfatiza que fraqueza e debilidade femininas são, ao logo do texto, continuamente afirmadas por Sócrates, como em 455e, 456a, 457a e 469d. Simultaneamente, Sócrates argumenta não haver, pela natureza, necessariamente diferenças entre os gêneros ³⁰. A comentadora também ressalta que, em 460a-b e 465a-b, a presença das mulheres na classe dos guardiões “simplesmente desaparece” – e em 388a e 605d-e ³¹ as mulheres são mostradas como aquelas que “facilmente sucumbem à dor, enquanto os homens permanecem fortes!”³² Assevera, ironicamente, não haver possibilidade de compreender que Sócrates estivesse desejando a emancipação das mulheres atenienses, o que lhe permite (à comentadora) buscar entender como o filósofo (Sócrates) tenta fazer “as mulheres se tornarem homens”, fazendo delas “participantes igualitárias (*equal participants*) na comunidade política”. A distinção entre mulheres e homens torna-se, no seu modo de entender, um modelo para a oposição entre filosofia e política – e a tentativa de igualar ambos os gêneros “simplesmente os destrói em seu estado de oposição” ³³.

Não se pretende desenvolver a oposição entre filosofia e política. Contudo, ao se ler os argumentos de Saxonhouse sobre o tratamento inicial deferido às mulheres na classe dos guardiões, as quais se apresentariam sempre sem corpo e “livre de Eros”, pode-se concordar “não serem essas

³⁰ SAXONHOUSE, Arlene W. W. The Philosopher and the Female in the political thought of Plato. In: TUANA, Nancy. (Edited). *Feminist interpretations of Plato*. University Park: The Pennsylvania University Press, 1994. p. 68.

³¹ PLATÃO. A *República*. 605d-e. Tradução C. Alberto Nunes. “Porém, quando ocorre algum infortúnio com algum de nós, observa que, muito ao contrário disso, fazemos praça de nos dominarmos e nos mantermos calmos; isso, sim, é procedimento de homem; o que elogiamos atrás é próprio só de mulheres (ἐκεῖνο δὲ γυναικός).

³² SAXONHOUSE, Arlene W. W. The Philosopher and the Female in the political thought of Plato, p. 68.

³³ SAXONHOUSE, Arlene W. W. The Philosopher and the Female in the political thought of Plato, p. 68.

mulheres nem desejosas nem desejadas”, mas apenas “mulheres dessexuadas” (*de-sexed females*)³⁴. A partir disso, pode-se asseverar, também o desejo de conhecimento e, pois, de transformação da cidade ficariam aqui comprometidos. A autora entende que a inserção das mulheres na *politéia* é preparada lentamente ao longo dos vários livros, sua primeira aparição, no livro I, nas palavras de Céfalo (329c), parecendo significar “a morte do Eros sexual e a diminuição dos desejos corporais (*and the deadening of the bodily desires*) que foram tão fortes em sua juventude”³⁵. Do mesmo modo, também a classe dos guerreiros surge na cidade inchada de humores “purgada de todos os desejos de prazeres” (*for all the desires for delights*). Diferentemente de Mendza, que ressalta a relevância e presença da questão corpórea no processo de educação igualitária, para Saxonhouse a educação de música para a alma e ginástica para o corpo molda os jovens guerreiros para purgá-los dos desejos físicos, envolvendo comida, bebida e sexo (403d-e). Todas essas considerações ensejam que ela assevere que, quando Sócrates afirma que a mulher pouco difere do homem, estaria ignorando as qualidades biológicas peculiares das mulheres. Sócrates reconhece que as mulheres dão à luz, mas reduz as consequências da maternidade ao mínimo da amamentação e, ao fazer isto, ele realmente estaria colocando a mulher numa posição de desvalor, pois até o seu papel natural na preservação da cidade, por meio da procriação, se vê diminuído ao máximo, ficando ela condicionada a uma igualdade aparente que mostra a todo instante sua condição de fraqueza e debilidade. Assim, a re-introdução do *corpo* na cidade da *República* é feita, segundo a autora, só após a eliminação de todo o desejo sexual.

Ao se ler Saxonhouse, chega-se mesmo a duvidar da sinceridade do intento platônico de alguma paridade na educação e no exercício de funções, tamanho o efeito retórico de suas análises, o que nos leva a indagar se também retóricos não seriam os argumentos platônicos. Mesmo que em Platão se exija, no processo de educação – tomada como paritária entre os gêneros –, a sublimação do corpo em favor do maior desenvolvimento dos aspectos racionais do ser humano, o resultado final poderia ser a formação de um ser totalmente depurado dos impulsos físicos irracionais, sendo esta uma das condições necessárias para a criação de um governante justo. Não se pode deixar de considerar fabulosa a interpretação de Saxonhouse, que

³⁴ SAXONHOUSE, Arlene W. *The Philosopher and the Female in the political thought of Plato*, p. 68.

³⁵ SAXONHOUSE, Arlene W. *The Philosopher and the Female in the political thought of Plato*, p. 69.

realça a singularidade de uma leitura exegética na qual a figura do *desejo* toma amplitudes paradoxais e insere a dimensão feminina numa esfera negativa.

Não deixa de estar próxima dessa perspectiva a interpretação de Aline Rousselle, que, valendo-se dos textos médicos gregos do *corpus hippocraticum*, acredita que, ao lado dos capítulos escritos para os homens e que tratam da conservação da saúde, há os livros sobre as doenças das mulheres, sempre relativas à zona genital e ao útero. Uma variação enorme de sintomas, de *peripneumonia*, males de estômago, paralisia, bloqueio das articulações, pontos dolorosos no *pescoço* e nos *rins*, sempre encobriam, na mulher, uma afecção genital. Se no homem os mesmos sintomas podiam exigir curativos e exercícios musculares, na mulher requeriam cuidados genitais³⁶. Foram na verdade as mulheres que, com uma sutil atenção, observando seus próprios corpos, se tornaram especialistas da casa, da aldeia, da cidade, enquanto simples parteiras que cuidam de todas as doenças femininas, mas, nas mãos dos médicos, seus relatos e sua ciência “perderam grande parte dos elementos de observação”, por não terem eles acesso ao corpo feminino. Para Rousselle³⁷, há de se considerar até mesmo que as elucubrações de Aristóteles sobre a fisiologia feminina foram muitas vezes ditadas pela lógica. O corpo vivo da mulher era, para os antigos, “mais estranho ainda do que o corpo privado de vida que eles não podiam dissecar”³⁸. Devido a certa ignorância anatômica e fisiológica, assim como à fantasia, o raciocínio médico construiu uma ciência masculina do corpo feminino. Segundo ela, o corpo da mulher seria tão secreto que, já em Roma, Galeno aprendeu mais sobre a “anatomia feminina” através da dissecação de macacas do que “todos os homens da Antiguidade através de seus contatos sexuais com suas próprias mulheres”³⁹. Segundo Andò, há nos textos médicos um discurso eficaz capaz de dar sentido específico ao corpo feminino, mas sob os auspícios dos códigos masculinos de conhecimento e poder⁴⁰.

Ora, em vista de seu profundo interesse pela arte médica, manifestado em grande parte de suas obras (como em *Gorgias* 464b, a comparação da política com a medicina, e em várias partes da *Politéia*, como 346a e 459c-d), Platão poderia ter-se recusado a acolher na cidade ideal as difi-

³⁶ ROUSSELLE, Aline. *Porneia*. 1984, p. 38.

³⁷ As análises de Aline Rousselle se baseiam na pesquisa das obras de Hipócrates, Galeno, Rufus e em uma variação de estudos médicos que seguiram à Antiguidade grega e romana.

³⁸ ROUSSELLE, Aline. *Porneia*. 1984, p. 39.

³⁹ ROUSSELLE, Aline. *Porneia*. 1984, p. 40.

⁴⁰ ANDÒ, Valeria. *Introduzione a Ippocrate. Natura della Donna*. 3.ed. Milano: BUR, 2008, p. 6.

culdades de compreensão do corpo e do desejo femininos, considerando prudente eliminar todo o desejo sexual dos guardiões, ao propor uma paridade de educação e funções. Mas em 460b o filósofo poderia pretender deixar claro que em momento algum tal eliminação dar-se-ia nos mesmos graus e condições entre os gêneros, as mulheres servindo de prêmio para os melhores guerreiros em função de um poder normativo que se impõe adequada e justamente.

Susan Moller Okin ⁴¹, ao comparar a *Politéia* e as *Leis* e com a visão comum sobre as mulheres na Antiguidade, entende que Platão aponta para a possibilidade de que as mulheres possam exercer funções diferentes daquelas usualmente para elas designadas. Contudo, é preciso considerar em que sentido identidade e diferença se especificam. Assim, embora sejam os gêneros paritários no desempenho de funções vitais à cidade, no contraste das diferenças não lhe parece que se admite que as mulheres, em geral, sejam tão aptas quanto os homens para funções específicas enquanto guardiãs, especialmente a função de filósofas, uma vez que os méritos pelos quais se ascende ao filosofar não estariam, ao longo do texto, presentes nas mulheres nele delineadas ⁴². Por um lado, não há como abstrair das peculiaridades corpóreas das mulheres face aos homens, na medida em que elas são capazes de procriação, o que demonstraria a especificidade com que são representadas. Por outro lado, é justamente pela via da possibilidade de procriação que as mulheres poderiam se distinguir dos homens, não sendo iguais a eles e muito menos se posicionando em planos universais e de unidade e de valor justamente por sua diferença. Essa dualidade teria sido revista nas *Leis*, em que natureza e capacidade se realinham em moldes mais conservadores.

Ousa-se aqui afirmar que subjetividade e objetividade se misturam, admitindo-se também certo incômodo, na leitura de Platão, a tentativa de ler a *Politéia* e, em especial, as duas primeiras ondas, por lentes que não multifocais. Seja por meio de uma implícita gradação que aproxime os termos e seu assentamento textual, para ali se identificar ou se recusar traços de misoginia, seja por meio de um afastamento que aponta, num contexto mais amplo, o suposto reconhecimento de Platão apenas como mais um dentre os filósofos que falaram em nome de um *nómos* próprio, incorporado ao

⁴¹ OKIN, Susan Moller. *Philosopher Queens and Private Wives: Plato on Women and the Family. Philosophy and Public Affairs*, v. 6, n. 4, Blackwell Publishing, Summer, 1977, p. 357.

⁴² OKIN, Susan Moller. *Philosopher Queens and Private Wives: Plato on Women and the Family*, p. 357.

poder masculino afeito ao seu tempo, ou como um filósofo único que se impôs sobre o seu próprio tempo. As lentes devem estar, contudo, limpas, para se poder manejá-las com certa técnica e prudência.

UMA TERCEIRA VIA

Wolfgang Iser menciona que, na variação de “eixo sintagmático de leitura” (*die syntagmatische Achse der Lektüre*) – que permite certa mudança de perspectivas –, nos deparamos com duas funções textuais. A primeira, correspondente à introdução de uma determinada realidade extratextual na interpretação, com a possibilidade de esquemas de informação ao leitor de um saber determinado enquanto um “saber sedimentado” (*ein sedimentiertes Wissen*). A segunda, como sua consequência, diz respeito ao fato de que, por meio do “repertório escolhido, se funde a atividade representadora do leitor (*die Vorstellungstätigkeit des Lesers*)” com as respostas que um texto tenciona oferecer a determinadas situações históricas ou sociais ⁴³.

De determinada perspectiva, isso se revela como o movimento que dá vida e forma ao texto da *Politéia*, assumindo ali, esse jogo dos contrários próprio do movimento dialético, função primordial e questão enfática ao propósito da *Paideia* platônica. Gadamer chega mesmo a argumentar que “a característica política” da cidade, que denomina de estado, só se assume na discussão dialógica da classe dos guardiões, o que torna o processo de educação verdadeira tensão entre o poder de tal classe e a ordem estrutural da cidade ⁴⁴.

De outra perspectiva, mesmo que contígua à primeira, e com relação ao aspecto que nos interessa, Platão pode estar propondo se releia o seu contexto social e político, para com ele teorizar acerca da regulação em que tal contexto opera. Contudo, concordando ainda com Iser ⁴⁵, ao se fazerem presentes as normas do próprio entorno social e político, o filósofo nos abre a possibilidade de aquisição de uma consciência posicional de leitura (*die Leserposition*), sem, contudo, tentar negar a validade das normas escolhidas.

Nesse sentido, a variação de graus de informação proveniente da *Politéia*, nos leva a alternativas valorativas. A dialética inerente às diferenças entre os gêneros é, pois, fator de relevo para se determinar o valor universal da

⁴³ ISER, Wolfgang. *Der Akt des Lesens*. Theorie ästhetischer Wirkung. München: Fink, 1976, p. 327.

⁴⁴ GADAMER, Hans-Georg. *Dialogue and Dialectic: Eight Hermeneutical Studies on Plato*. Translated by P. Christopher Smith. London: Yale University Press, 1980, p. 83.

⁴⁵ ISER, Wolfgang. *Der Akt des Lesens*, p. 328.

cidade justa, cuja lei é expressa pelo poder que se diz racional. Em 452e se afirma ser “tolo quem considera risível outra coisa além do mal” (μάταιος ὃς γελοῖον ἄλλο τι ἡγεῖται ἢ τὸ κακόν), asseverando também o mesmo passo que a tolice equivale a “quem se esforça em provocar o riso com espetáculo que não seja o da loucura e do vício, empenhando-se em alcançar o belo por prisma diferente do da bondade”⁴⁶. Assim, o bem, o justo e o universal seriam evidenciados pela norma da razão, que não é a da tolice, da loucura ou do vício. Mas para que prevaleçam argumentos lógicos e não tolos é preciso que a razão (sempre como uma construção universal, entretanto bastante masculina) se estipule a si mesma como *nómos* maior e absoluto. Desta feita, a dialética que assegura a qualidade dos argumentos platônicos pode também ser qualificada por um teor interpretativo e o *tópos* desse método dialético pode ser assumido como o lugar do método hermenêutico. Tal possibilidade equivale a um momento hermenêutico imerso ao todo maior que é a dialética e o filósofo – seja ele platônico, aristotélico, cínico, hegeliano, beauvoiriano, feminista, extremista – sobrevoa com o olhar perspicaz este horizonte de determinações culturais, escolhendo dentre elas seus conceitos e efeitos, em meio a um sistema cognitivo e axiológico. Ora, a descoberta ou indicação desses conceitos é produto de um *érgon* interpretativo e com ele a cultura propicia as evidências da razão, a qual, entretanto, parece temer a diferença, dela necessitando, contudo, para se sentir unitária e jamais “abandonar o seu posto, largar as armas ou cometer por covardia qualquer ato dessa espécie (ἢ τι τῶν τοιούτων)”, como se expressa em 468a da *Politéia*⁴⁷.

Nesse contexto, ao que chamo de uma terceira variação temática, as duas primeiras proposições poderiam ser aproximadas, bastando tentar reler o texto com novas lentes que agucem o seu senso provocativo. Assim, o sentido de Justiça e de Bem se mostrariam como um referencial histórico, cujo alcance a própria História ainda não foi capaz de encerrar e de restringir num modelo ético final.

Não desejando reconhecer uma convencional misoginia platônica, por força do passo 460b, vale então acreditar que a introdução das mulheres na nobre classe dos guardiões se mostra, de certa perspectiva interpretativa, verdadeiramente significativa. Na esteira das comparações com outras obras, tomando-se aqui *O Banquete*, com relação à figura de Diotima, Platão poderia estar também escolhendo a mulher e as mulheres como referencial de diferença. Não no sentido de uma feição excepcional! Na *Politéia*, é pela sua

⁴⁶ PLATÃO. A *República*. 452e. Tradução C. Alberto Nunes.

⁴⁷ PLATÃO. A *República*. 468a. Tradução C. Alberto Nunes.

diferença e alteridade que a cidade verá como bem a gravidez, a parturição, a povoação, sem recair na *pleonexía*, mas com uma preocupação voltada para a Justiça. Se o que difere basicamente as mulheres dos homens é a sua capacidade de gravidez e parturição, é preciso que a experiência do feminino invada as leis da cidade e as reelabore sob normas próprias.

Se, nos moldes da cultura grega de seu tempo, Platão não poderia fazer falar diretamente uma mulher no horizonte de um banquete, pelo fato de “lá as mulheres não serem admitidas, no lugar em que se exercita a filosofia”⁴⁸, ele traz à cena a figura da sacerdotisa estrangeira, tal como traz na *Politéia* a polêmica figura das mulheres guardiãs. O lugar do feminino sempre será preenchido como o lugar de uma necessária diferença para que a igualdade se convalide e se reforce cada vez mais. Embora, tanto na figura de Diotima, que fala do amor enquanto conhecimento, quanto das mulheres da reta *Politéia*, que devem se deixar amar por seus guerreiros para serem úteis, procriando e povoando a nova cidade, descobre-se uma dialética da diferença na igualdade. Nessa nova leitura, as mulheres não seriam coisas, reificadas enquanto gênero, mas companheiras que aguçariam a distinção entre corpo e alma, permitindo que se defina a filosofia como “um parto da alma masculina ligada ao amor entre os homens”⁴⁹. Mas um amor que encontraria na diferença a sua identidade.

Por um lado a continuação da espécie e dos *agathoí*fica assegurada pelo jogo amoroso que se constitui no novo *éthos*. Por outro, a assimetria do poder que realça a diferença na igualdade e o valor tanto do masculino quanto do feminino, numa cultura do *logos* e não da liberdade, ressalta a metáfora da incompletude e mesmo da *philía* como modo de vencer a sensação de vazio que a diferença impõe e que somente se inibe pela evidência da imortalidade da alma e do valor e poder da Justiça.

É um imaginário autárquico o que Platão e grande parte da Antiguidade nos transmitem. Embora mulheres e homens pereçam, leis percam sua validade e o poder se relativize, a “essência humana” em busca de Justiça e de Bem – demonstrada na presumida neutralidade masculina – parece se eternizar na cultura ocidental⁵⁰. Mas seriam as bases axiológicas dessa cultura de simples apreensão? Penso que o texto platônico está a nos mostrar o

⁴⁸ CAVARERO. Adriana. *Nonostante Platone*. Figure femminili nella filosofia Antica. Roma: Ombre Corte, 2009, p. 99.

⁴⁹ CAVARERO. Adriana. *Nonostante Platone*, p. 104.

⁵⁰ CAVARERO. Adriana. *Nonostante Platone*, p. 113.

inverso, ou seja, a complexidade da inserção de valores em um ideal cultural e as suas possibilidades de leitura.

Nesse terceiro veio interpretativo, a exigência de se pensar a igualdade, ou melhor, a paridade na diferença pressupõe fazer retornar à cidade a instância do desejo, que, na leitura de Saxonhouse, havia sido excluída dela. Vale argumentar ser pela figura do feminino que o desejo retorna à cidade, num movimento que reconhece as mulheres nela inseridas como a possibilidade de jogo de encenações que o corpo masculino não saberia ou poderia fazer, pois sempre se encontra no lugar da identidade, mas também de uma inevitável “mesmidade”. A *alteridade* que as mulheres tornam aguda é o que tornaria possível à cidade não se fechar sobre si mesma e subsistir fora da história. E se assim o fosse, não haveria como construir um desejo autônomo em si mesmo, fora de imposições e leis determinadas como essenciais. Sem lugar para desejos individuais, afirma Monique Canto, “apenas a cidade em si mesma é objeto para o seu próprio desejo”⁵¹.

Para fugir ao autocentramento e abrir espaço para os pactos de leitura, nesse novo movimento passa-se a exigir que o *desejo* possa se exprimir tanto como uma relação de realidade com a temporalidade, quanto de possibilidade com as representações “que produzem prazer apenas porque são representações da alteridade”⁵² e não de uma simples continuidade do mesmo, o que esvaziaria o conceito dialético e tenso da cidade.

Há, pois, que se considerar na harmonia polifônica (*die polyphone Harmonie*) da *Politéia* – permitindo-me utilizar aqui os termos de Roman Ingarden⁵³ –, que as mulheres sejam absolutamente necessárias e a cidade se torne o seu lugar, “o lugar das mulheres”, como afirma Canto⁵⁴, pois é pela alteridade que se constituirá o sentido profundo e possível da cidade política. É pela função do corpo feminino que a realidade do desejo se torna expressiva para a cidade – e isso mostra o passo 460b, pois se, como recompensa aos *agathoi*, lhes será oferecida a possibilidade de se deitarem com as mulheres, estas também se incluem na mesma categoria, conforme se lê em 459d-e: “é preciso, a partir do que concordamos, que os melhores (*aristous*) se unam às melhores (*aristais*)”⁵⁵.

Nessa ótica de leitura do instigante passo 460b, um ponto de vista móvel poderia ser apresentando. Ademais, como pensa Iser, se o texto for apenas

⁵¹ CANTO, Monique. *The Politics of Women's Bodies: Reflection on Plato*, p. 56.

⁵² CANTO, Monique. *The Politics of Women's Bodies: Reflection on Plato*, p. 56.

⁵³ INGARDEN, Roman. *Das literarische Kunstwerk*. 2. Aufl. Tübingen: Niemeyer, 1960, p. 266.

⁵⁴ CANTO, Monique. *The Politics of Women's Bodies: Reflection on Plato*, p. 56.

⁵⁵ PLATÃO. *A República*. 459d-e. Tradução C. Alberto Nunes.

uma partitura e uma regra de jogo (*nur Spielregel zu sein*), somente uma “fenomenologia da leitura” (*eine Phänomenologie des Lesens*) poderia explicar os atos de compreensão mediante os quais ele, o texto, é apreendido na consciência reflexiva e interpretativa de seus leitores⁵⁶. Desta feita, o papel das mulheres na cidade platônica não pode ser o de coisa ou mercadoria, mas algo com simbologia própria, já que elas representam a si mesmas enquanto uma passagem do nível privado ao nível público, fazendo a cidade, assim, acordar para uma realidade a se constituir historicamente em seus níveis de possibilidade. É enquanto força de alteridade que “as mulheres provocam o riso, a crítica e a refutação na Antiguidade grega”⁵⁷, afirma Canto. O riso, o sarcasmo e o silêncio são mesmo o que “se espera de uma política de mulheres, do corpo feminino na cidade”, e de sua participação política como guerreiras, como se lê na *Politéia* (452b-d). O Sócrates de Platão apenas repete que as pessoas haverão de rir da ideia das mulheres na cidade e na guerra. Mas essa é, também para Canto, a condição humana plena de desejos, de medo, de temporalidade e da procura do outro. E talvez, assevera a comentadora, alguém que “possa rir da condição humana não seja ainda um homem”⁵⁸.

As Mulheres representam a necessidade de contínuas mudanças que toda cidade deve encontrar apesar dos riscos envolvidos. E isso para tornar certo que tempo e desejo sustentam a fundação da cidade. Através da procriação, prazer e dor, se legitima a política pelo discurso, por novos comportamentos que passam a se inserir e a ganhar forma nesse novo sistema dotado de perspectiva, com possibilidades de combinação de seu repertório de leitura. Se estas são leituras reais, possíveis ou utópicas, isso dependerá da possibilidade de se compreender o texto, pressupondo que “compreender é interpretar”, como bem menciona Susan Sontag⁵⁹. Mas é, certamente, devido ao caráter polifônico desse diálogo platônico e que se estabelece com a consciência histórica de cada uma e de cada um de nós, que suas qualidades interpretativas se ressaltam enquanto qualidades estéticas, políticas, morais e, sobretudo, metafísicas e que nos exigem a sua compreensão, como forma única de compreendermos a nós mesmas e mesmos.

Finalmente, quando se trata de leitura feminista de aspectos da cultura é mesmo relevante que se busque um “necessário componente utópico”,

⁵⁶ ISER, Wolfgang. *Der Akt des Lesens*, p. 176-177.

⁵⁷ CANTO, Monique. *The Politics of Women's Bodies: Reflection on Plato*, p. 65.

⁵⁸ CANTO, Monique. *The Politics of Women's Bodies: Reflection on Plato*, p. 65.

⁵⁹ SONTAG, Susan. *Against Interpretation and other Essays*. New York: Farrar, Straus & Giroux, 1966, p. 6.

enquanto uma “ideia reguladora” que sirva de parâmetro interpretativo da história e que nos leve a formar um senso crítico do que nos propomos ser. Relacionar feminismo e utopia, tomando-se o texto platônico como partitura interpretativa, corresponde, assim, à problematização do lugar em que se constituem as relações humanas. Mas deve-se tomá-lo como um “lugar que es todavia un ningún lugar”, pois está imerso na *vida social*⁶⁰. E se esta se arvora a transformações contínuas, seus movimentos interpretativos são o que impede, justamente, que a relação triádica entre *krátos*, *pólis* e *nómos*, possa cair vertiginosamente em “um vazio sem alma”⁶¹, em uma *Politéia* sem o *télos* maior de justiça: da identidade na diferença.

BIBLIOGRAFIA

- ANDÒ, Valeria. Introduzione a Ippocrate. *Natura della Donna*. 3a. ed. Milano: BUR, 2008.
- ANNAS, Julia. *An Introduction to Plato's Republic*. New York: Oxford University Press, 1981.
- ANNAS, Julia. Plato's *Republic* and Feminism. In: WARD, Julie K. (Edited). *Feminism and Ancient Philosophy*. New York: Routledge, p.4-12, 1996.
- BACH, Ana Maria. El rescate del conocimiento. *Temas de Mujeres*. Revista del CEHIM. v. 6, no. 6, p. 6-31, 2010. http://www.filo.unt.edu.ar/centinti/cehim/cehim_publicacion.htm. Accessed: 23/07/2010.
- CANTO, Monique; GOLDHAMMER, Arthur. The Politics of Women's Bodies: Reflection on Plato. *Poetics Today*, v. 6, no. 1/2, p. 275-289, Durham: Duke University Press, 1985, Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/1772134> Accessed: 12/05/2009 22:21
- CAVARERO, Adriana. *Nonostante Platone*. Figure femminili nella filosofia Antica. Roma: Ombre Corte, 2009.
- GADAMER, Hans-Georg. *Dialogue and Dialectic: Eight Hermeneutical Studies on Plato*. Translated by P. Christopher Smith. London: Yale University Press, 1980.
- GADAMER, Hans-Georg. *Hermenêutica em Retrospectiva*. V.II. A virada hermenêutica. Tradução Marcos A. Casanova. Petrópolis: Vozes, 2007.
- ISER, Wolfgang. *Der Akt des Lesens*. Theorie ästhetischer Wirkung. München: Fink, 1976.
- INGARDEN, Roman. *Das literarische Kunstwerk*. 2. Aufl. Tübingen: Niemeyer, 1960.

⁶⁰ SANTA CRUZ, María Isabel. Feminismo y Utopismo. *Hiparquia*. v. IX, no.1, Buenos Aires: Publicación de la Asociación Argentina de Mujeres en Filosofía, 1997, p. 44.

⁶¹ SANTA CRUZ, María Isabel. Feminismo y Utopismo. p. 47.

- KAHN, Charles H. *Plato and the Socratic dialogue*. The philosophical use of a literary form. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- NENDZA, James. Nature and Convention in Book V of the “Republic” *Canadian Journal of Political Science / Revue canadienne de science politique*, v. 21, no. 2, pp. 331-357, Canadian Political Science Association and the Société québécoise de science politique, (Jun., 1988), Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/3228494> Accessed: 12/05/2009 23:10
- OKIN, Susan Moller. Philosopher Queens and Private Wives: Plato on Women and the Family. *Philosophy and Public Affairs*, v. 6, n. 4, pp. 345-369, Blackwell Publishing, (Summer, 1977), Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/2264947> Accessed: 12/05/2009 22:39
- PLATÃO. *El Banquete*, o del amor. Traducción de Luis Gil. Madrid: Aguilar, 1977, p. 553-597.
- PLATÃO. *A República*. Tradução Carlos Alberto Nunes. 3. ed. Belém: Editora da Universidade Federal do Pará, 2000.
- PLATÃO. *A República*. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. 3.ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1980.
- PLATON. *La République*. Tome VII. Livres IV-VII. 1re. Partie. Texte établi et traduit par Émile Chambry. Paris: Les Belles Lettres, 1933.
- ROUSSELLE, Aline. *Pornéia*. Sexualidade e amor no Mundo Antigo. Tradução C. Nelson Coutinho. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- SANTA CRUZ, María Isabel. Feminismo y Utopismo. *Hiparquia*. v. IX, no.1, p. 33-49, Buenos Aires: Publicación de la Asociación Argentina de Mujeres en Filosofía, 1997.
- SAXONHOUSE, Arlene W. Comedy in Callipolis: Animal Imagery in the Republic. *The American Political Science Review*, v. 72, no.3, p. 888-901, New Hampshire, 1978.
StableURL:<http://links.jstor.org/sici?sici=00030554%28197809%2972%3A3%3C888%3ACICAI%3E2.0.CO%3B2-Y>. Accessed: 12/05/2009 22:39.
- SAXONHOUSE, Arlene W. The Philosopher and the Female in the political thought of Plato. In: TUANA, Nancy. (Edited). *Feminist interpretations of Plato*. University Park: The Pennsylvania University Press, 1994. p. 67-86.
- SONTAG, Susan. *Against Interpretation and other Essays*. New York: Farrar, Straus & Giroux, 1966.
- VEGETTI, Mario. *Guida alla lettura della Repubblica di Platone*. Roma: Laterza. 4.ed.2007.
- VLASTOS, Gregory. Was Plato a feminist? In: GRAHAM, Daniel W. (Edited). *Studies in Greek Philosophy: Socrates, Plato and their Tradition*, v.2. Princenton: Princenton University Press, 1995. p. 133-146.

[Recebido em janeiro 2011; Aceito em maio 2011]